

O ESTUDO DA PAISAGEM NO ENSINO DA GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Falar sobre Paisagem Geográfica e ensino da Geografia por vezes nos sugere uma cenografia, onde educadores e educandos, num processo de dar significação ao ambiente onde vivem, estudam, trabalham... constroem suas imagens mentais do mundo sensível, mental e materialmente. É por isso que esta situação inspirou-me escrever este artigo, como se eu estivesse analisando nosso planeta como um imenso cenário teatral, e, em particular, as salas de aulas onde mulheres e homens ensinam e aprendem a Geografia. Realizei um exercício de aproximar o conteúdo geográfico a uma metáfora artística, que é o teatro: seus atores, cenários, a dramaturgia, o enredo, enfim a fantasia inspirada na realidade ou esta inspirando a fantasia. Convido o leitor ou a leitora deste artigo a "assistir" a esta peça.

Os atores e o cenário

Os atores: alunos e professores do ensino fundamental e médio. **O cenário:** a Escola

¹Professor de Geografia, licenciado da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, qualificado em mestrado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo Assessor de Ciência e Tecnologia na Prefeitura Municipal de Uberlândia (Minas Gerais) - Brasil.

Fundamental e Média e o Ensino da Geografia.

A razão de tratar de atores e cenários, neste ensaio, é proposital. Explico por quê. A crise, tão própria de nossa época, está presente em diversos sentidos de nosso cotidiano. Em particular, a crise no sistema educacional. Neste sistema, inclui o ensino da Geografia no Ensino Fundamental e Médio, que tem sido alvo de diversas investigações, principalmente entre os profissionais ligados aos cursos da área de Educação.

No entanto, as pesquisas realizadas por investigadores pertencentes à sua própria área de concentração (por exemplo: o geógrafo pesquisando o ensino da Geografia no Ensino Fundamental e Médio, num programa de pós-graduação em Geografia), ainda são de número reduzido, para não dizer insuficientes, se compararmos à demanda e carência da referida área.

Muitas vezes o ensino da Geografia, no Ensino Fundamental e Médio, tem sido muito mais objeto de discussão de pedagogos do que de profissionais licenciados para o exercício do ensino dessa disciplina, como se a problematização do ensino da Geografia fosse exclusivamente de cunho didático-pedagógico. Creio que isto é uma das preocupações objetivas da Pedagogia e não uma especialidade de professores de Geografia, que logicamente devem estar atentos a este problema.

Esta minha posição não tem por objetivo radicalizar em um discurso pela defesa do privilégio do conteúdo geográfico em detrimento do pedagógico. Acredito que centrarmos numa posição radicalizada como esta citada, numa sociedade tão especializada como a nossa atualmente, pouco tem a contribuir para a melhoria e entendimento da Geografia ensinada nas escolas. Entretanto, sem sombra de dúvida, o ensino da Geografia deveria ser melhor discutido por profissionais que tenham formação específica no conteúdo. Não quero dizer com isso que o ensino da Geografia no Ensino Fundamental e Médio seja de competência exclusiva de geógrafos; a opinião de outros profissionais também é importante e enriquece nossa prática de ensino. Entretanto, ainda considero incipiente o envolvimento dos geógrafos na melhoria da qualidade do ensino da Geografia naqueles níveis de ensino.

Sem ter a pretensão de aprofundar-me nesta questão, este rápido panorama de um dentre vários aspectos que influenciam na prática do ensino da Geografia, visa a alertar para o fato de que a negligência de pesquisas nesta área só tende a agravar a desvalorização da Geografia junto a alunos e até mesmo a profissionais que estejam em contato com essa disciplina. É muito visível o fosso que separa as discussões realizadas no Ensino Superior e na Pós-graduação daquelas que estão sendo travadas no interior das escolas de Ensino Fundamental e Médio, em especial as discussões sobre ensino da Geografia.

Entretanto não é responsabilidade exclusiva da Academia o perfil de fracasso do ensino da Geografia que vem ocorrendo, ainda hoje, nos níveis fundamental e médio; mas existe uma grande parcela de responsabilidade desta, pois é do seu interior que saem os profissionais que atuam na sala de aula. Dificuldades levam professores de Geografia a reclamarem sobre a prática desse ensino, pois, ao entrar em uma sala de aula, alegam ter que aprender a ensinar uma Geografia muito diferente daquela que estudaram no curso de formação superior ou de pós-graduação.

A velocidade existente na produção de conhecimento na Academia é muito maior do que aquela verificada no interior do Ensino Fundamental e Médio, pelo próprio caráter e especificidade de cada nível de ensino. No entanto, ainda não consegui localizar ao certo o porquê da lentidão no processo de disseminar as discussões mais recentes, travadas na Academia, nesses níveis de ensino. Isso tem sido uma das minhas preocupações e incentivo para desenvolver pesquisas e reflexões voltadas para o ensino da Geografia, as quais explicitarei mais adiante.

Acredito que, para enfrentar a crise mencionada, seja a da educação escolar como um todo, ou em particular a da desvalorização social da Geografia, boa parte da responsabilidade esteja nas mãos do professor que atua na escola, na sala de aula e com o ensino da Geografia. É difícil reconhecer isso, mas, se os professores como um todo e os geógrafos professores em particular buscassem ter em suas mãos a demonstração da importância de seu papel social, não seríamos tão desrespeitados como temos sido pelos governos e pelos usuários de nossas escolas. No geral, nossa categoria profissional ainda insiste numa prática desvinculada da realidade social em que nos inserimos.

Procurar a melhor metodologia para trabalhar conteúdos mais recentes e polêmicos (a fim de acompanhar a velocidade com que estes são gerados pela sociedade) passa a ser um desafio para o professor e principalmente para a Geografia. Adequar conteúdos e metodologias à nossa época e à escola que temos hoje é um desafio ainda maior.

A estrutura escolar vem-se tornando, principalmente desde o final da década de 1970, inadequada à forma como os indivíduos, grupos e sociedades têm pensado e vivido. As ações vivenciais ocorrem muito mais rapidamente do que as formas como são pensadas, analisadas e escritas. Portanto, é um desafio intrigante procurar meios mais dinâmicos para compreender, explicar, refletir... a sociedade que se revela cotidianamente. E a Geografia, desde as séries iniciais, passa a ter um papel importante neste processo de entendimento social, por ter desenvolvido meios de interpretar as relações entre diferentes espacialidades territorializadas.

Nesse cenário, nós, os atores, ora no papel de educandos, ora no de educadores, precisamos estar mais atentos para a forma como, objetiva e subjetivamente, enxergamos e pensamos nossa sociedade.

Minha experiência nesse sentido ainda é incipiente. Funciona como uma intuição, algo a ser desvendado. A certeza se torna incerta no momento em que penso ter encontrado uma resposta. Muitas vezes, uma dada experiência se demonstra possível, visível, real, outras vezes, não. Acredito que muitos de nós que atuamos na e com a intelectualidade tenhamos algumas dessas sensações referidas.

Ocorre-me, muitas vezes, a título ilustrativo - vivenciando o papel de educador ou de educando - que determinados temas causam especial interesse, especial facilidade de assimilação e reflexão sobre aquilo que chamamos de realidade. Isso ocorre, às vezes, pela linguagem, pela imagem mental ou real, por valores, vivências, sentimentos, pela forma de apresentação e representação e, outras vezes, muito freqüentemente, sinto a ausência de tudo isso. Com certeza, este sentimento não é um problema ou privilégio exclusivamente meu.

Determinados "cenários" (reportando-me aqui a ambientes reais e/ou imaginários) inibem ou incentivam os "atores" a desempenharem seus papéis. O cenário da estrutura educacional, da família, do ambiente de trabalho, da cidade ou do campo, muitas vezes, desde a infância, em vez de incentivar e cultivar a mente criativa, receptiva, acaba exercendo efeito contrário. Não é meu objetivo elencar os problemas que envolvem estes cenários. No entanto, quando estou exercendo esses papéis, ou melhor, interpretando-os, algo especial me chama a atenção. Naqueles momentos em que identifico em mim interesse, participação, integração, reflexão sobre a realidade real ou virtual, verdadeiras imagens mentais se tornam, assim expressando, geograficamente, "*paisagens mentais*", ora pré-idealizadas, ora reais, condizentes com o mundo concreto. Procuro estabelecer esta correlação de uma suposta paisagem mental, porque necessariamente eu não preciso conhecer pessoalmente um determinado lugar com suas características ambientais físicas, culturais ou sociais para fazer uma idéia de como seja; basta imaginá-lo mentalmente que sou capaz de "sentir" virtualmente o seu cheiro, a sua temperatura, seus sons, seus gostos, suas formas e cores, suas texturas. Assim, tenho a possibilidade de despertar em mim a geração de imagens que auxiliam a compreender uma realidade próxima ou muito distante. Este relato de cenários ou de atores nos dá a dimensão da importância de desenvolver conteúdos, reflexões, análises, na sala de aula ou até mesmo fora dela, que sejam de certa forma significativas para mim ou para cada um que se proponha a aprender e apreender as realidades em que vivemos. Portanto, o conceito geográfico de Paisagem penso estar impregnado desta suposta "paisagem mental" a que me referi e que caracterizei.

Nesses momentos de significação e de significados subjetivos da realidade, existe uma maior assimilação daquilo que estou vivendo, sentindo, aprendendo ou ensinando. Se isso ocorre comigo que sou

professor, certamente ocorrerá com o nosso aluno. Por isso, sinto necessidade de desvendar, ou melhor, compreender como se dá esse processo. É possível explicá-lo? É possível generalizá-lo? É possível sistematizá-lo em função do ensino da Geografia?

Minha conduta tem sido a de investigar o significado, a utilidade, o valor dessas "*paisagens mentais*", a que me referi nesta primeira parte do texto, na relação de ensino-aprendizagem da Geografia no Ensino Fundamental e Médio. Neste sentido, pretendo a partir de agora discutir o drama desta história iniciada, ou seja, como ela se desenrola no contexto do cenário e dos atores mencionados até aqui.

A dramaturgia

O enredo dessa minha curiosidade passa a ser os caminhos para (re)interpretarmos, como professores, juntamente com os nossos alunos, o conceito de Paisagem Geográfica ao ensinarmos a Geografia.

É inegável que, ao ensinar a Geografia ou qualquer outro conteúdo - mesmo aqueles que exigem uma maior carga de teorização intelectual - que se baseia em algum fato ou dado do mundo real, dá algum modo cada indivíduo traz consigo uma impressão, seja ela particular ou social, da realidade. Essa impressão interfere na sua compreensão do espaço, de lugar, de Paisagem Geográfica. É a forma peculiar como o indivíduo enxerga a Paisagem Geográfica do espaço que se descortina cotidianamente aos seus olhos e aos de outros espectadores.

O primeiro tipo elementar dessa visão está relacionado com o senso comum, uma vez que

"... em nossa experiência, atividade e reflexão diárias estamos em contato com os mundos exterior e interior e daí derivam juízos, opiniões, suposições a respeito do real" (SILVA, 1993).

Isso significa um conceito implícito de Paisagem Geográfica que os indivíduos têm e que pode ser perfeitamente elaborado e sistematizado com a ajuda do conhecimento científico. Ao contrário do que muitas pessoas pensam, acredito que o contato com o conhecimento científico não deva ser um privilégio somente daqueles que conseguem alcançar o ensino Superior. Respeitando-se o grau de desenvolvimento intelectual e psicológico, creio ser possível este contato desde as séries iniciais.

A sistematização do conhecimento advindo do senso comum é uma responsabilidade do educador engajado, seja ele do Ensino Infantil, Fundamental, Médio ou Superior. Esse educador, por sua vez, com frequência se sente atordoado, angustiado, com medo, frente às sucessivas crises paradigmáticas criadas e vividas pela comunidade científica. Num sentido Kuhniano, o Paradigma é a denominação atribuída a todas as

realizações científicas que partilham de problemas e métodos, daí a responsabilidade da comunidade científica de enfrentá-lo e amadurecê-lo. Isso implica numa busca incessante de superação do conhecimento. Portanto, o receio de se expor, por parte do educador, é algo que deve ser repensado. Reporto-me aqui ao filósofo Thomas Kuhn pelo fato de estar sendo muito considerado por sua produção intelectual, desde meados da década de 1970, de vir sendo utilizado por diversos pesquisadores por trazer à fundamentação teórica de diversas ciências o sentido de movimento incessante do pensamento científico, sem verdades ou explicações construídas de forma definitiva. Ou seja, Thomas Kuhn traz à ordem do dia a impermanência das supostas verdades científicas, tão defendidas pelos partidários do positivismo. Neste sentido, pensar sobre a realidade exige-nos este movimento de repensar constantemente a nossa prática. O repensar implica uma crise dos modelos, ou, como denomina Kuhn, uma revolução dos paradigmas científicos, um movimento eterno de construir uma idéia de verdade e esta ser substituída por uma outra e assim sucessivamente. A Geografia, por ser considerada uma ciência recente, é permeada de conceitos que estão em permanente mudança, o que a aproxima das considerações Kuhnianas.

Reportando este ponto ao enredo proposto neste ensaio, penso que o conceito de Paisagem na Geografia sempre se relacionou a modelos estabelecidos empiricamente, baseados em modelos positivistas, que tentavam determinar verdades irrefutáveis. Sabemos muito bem como isso repercutiu na Geografia Positivista e Determinista. Em certa medida, isso levava pesquisadores e educadores a trabalharem com uma determinada "certeza", retirando de seu horizonte abordagens ousadas, mais abstratas, mais incertas. Por isso prevalecem até os dias atuais conceitos caros à Geografia, como os de Paisagem Natural e Paisagem Cultural/Humanizada, expressão do mundo real-concreto que alcança a nossa mentalidade através da apreensão do conhecimento.

Contemporaneamente, novos elementos se interpõem na interpretação do conceito de Paisagem na Geografia, remetendo este campo da ciência a sucessivas crises paradigmáticas, o que caracteriza a Geografia como uma ciência recente. Nesse sentido, creio ser necessária uma atenção especial a outras abordagens teóricas menos rígidas e mais preocupadas com aquilo que oferece o campo fértil da convivência com as crises paradigmáticas, ou seja, os processos humanos de aquisição do conhecimento.

Sem menosprezar o mundo objetivo, porque é um referencial extremamente importante, é preciso (re)considerar o mundo subjetivo e seus efeitos sobre a idéia de Paisagem Geográfica que se tem socialmente. Ou seja, numa sociedade tão tecnificada, quando observamos o espaço, o lugar, o território e o meio ambiente, quais têm sido os efeitos provocados pelos

diferentes tipos de linguagem com que temos contato e a que temos acesso? Quais são os valores, juízos que temos de nossa espacialidade mais próxima ou mais distante? Qual a imagem paisagística que fazemos destas circunstâncias?

Ainda considero prematuro dar respostas precisas.

Logicamente as questões e dúvidas aqui levantadas permeiam nossa prática, ao tentar ensinar ou aprender a Geografia e, nela, o conceito de Paisagem.

Nossa mente é impregnada de constante imaginação. A realidade concreta que vivenciamos é diluída pelo "espírito da época" no advento da espacialidade vivida, construída, imaginada... Nesse sentido, acredito que, ao pensar no conceito de Paisagem Geográfica, nele está contido um imaginário (advindo mesmo da imaginação, de um conjunto de imagens) e uma memória (experiências do passado ou do presente) que precisam ser considerados ao se tentar fazer qualquer leitura ou estudo do espaço geográfico.

Se considerarmos o imaginário (como pensado) e a memória (como o vivido), a Paisagem geográfica, nesse prisma, necessita de uma análise que a considere como idéia concreta e idéia abstrata, que *"se abre ao existir, como experiência, atividade e reflexão."* (SILVA, 1993). Assim, a Paisagem é vivida e imaginada, tanto no espaço de conflito, gerado pela contradição capital-trabalho, como também no espaço de aspirações para o futuro (próximo e distante) idealizado.

Seguindo esse raciocínio, considero que a Paisagem Geográfica é dotada de um conteúdo aparente (imaginário) e de um conteúdo real (memória). Na prática de ensino da Geografia, isso significa que cada indivíduo tem uma experiência de vida que imprime, numa leitura da Paisagem Geográfica, tanto a particularidade, quanto a diversidade vivida. O que é muito rico no momento de sistematização da experiência numa sala de aula, contextualizada nessa sociedade que tenta recriar novas bases de convívio.

Ao considerar a experiência do indivíduo, passamos a enfrentar o problema de sua abordagem. Ou seja, torna-se difícil realizarmos uma sistematização levando em consideração somente um modelo paradigmático, normalmente calcado em verdades absolutas que estão sendo colocadas em questionamento no último quartel do século XX e principalmente neste início de século. É um modelo paradigmático newtoniano-cartesiano, baseado na física mecânica e na idéia de um mundo dualista sem confluências. Neste impasse de paradigma, faz-se necessária uma abordagem pluralista, não exatamente como uma solução a ser dada ao problema, mas como uma estratégia.

É justamente com esta estratégia que tenho tentado refletir sobre o conceito de Paisagem Geográfica, a ser trabalhado de forma implícita e

explícita ao se ensinar/aprender a Geografia. No entanto, acontece muitas vezes de o educador apelar ou optar por uma ênfase somente à memória do indivíduo, desconsiderando sua imaginação. Este impasse permeia a todos nós, inclusive a mim, que tento neste momento refletir sobre minha própria prática. Por isso, pensar em um paradigma de perfil sistêmico, por que não dizer quântico, nos faz aproximar do imprevisível, inexplicado, considerando-o em nossas abordagens e práticas.

No Ensino Fundamental e Médio, principalmente, os educandos querem externar sua imaginação, seu imaginário, muitas vezes reprimidos pelo educador (adulto), que se condicionou, ao longo do tempo, a dar prioridade às faculdades da memória. Entretanto, é preciso cultivar essas duas esferas do pensamento, se quisermos valorizar o ensino da Geografia tendo a leitura da Paisagem Geográfica como ferramenta riquíssima de aprender os conteúdos geográficos.

Creio que o ponto de partida, para esse tipo de trabalho, seja o de aproveitar a idéia de Paisagem Geográfica, através das primeiras imagens mentais, verdadeiras "*paisagens mentais*", que temos sobre qualquer conteúdo que estejamos desenvolvendo. Ou seja, partiremos de um fenômeno que "*tem sua lógica (estrutural, simbólica, dialética ou formal)*" (SILVA, 1993), para chegarmos a uma sistematização mais próxima do real. Digo mais próxima do real porque tenho percebido que é impróprio achar que teremos uma explicação definitiva do real, no ritmo de vida que temos levado atualmente. Tudo se tornou e se torna muito relativo.

Assim como no desenvolvimento de um drama teatral, creio que o valor da cenografia, passado ao público como senso estético de imagem, este mesmo senso ou valor, aliado a outros fatores psíquicos ligados à linguagem, tem influenciado na forma como os indivíduos têm enxergado e vivenciado o espaço geográfico. A Geografia deve se preocupar com isso também, pois socialmente somos convidados a olhar para nossa realidade local e mundial e neste convite imprimimos o nosso jeito pessoal de enxergar um fenômeno em determinado momento e determinado local, que necessariamente não será permanente. Quantas vezes assistimos a algum filme cinematográfico ou mesmo a uma peça de teatro, por mais de uma vez, e a cada vez temos um tipo de reação e interpretação aos fenômenos da história? Não seria assim, ou não será assim com a nossa leitura da Paisagem Geográfica?

É chegada a hora, então, de tentarmos compreender um pouco mais sobre esta dramaturgia até aqui caracterizada. Pergunto: como fica a assimilação deste drama geográfico?

A repercussão do enredo

Nossas interpretações, enquanto atores, nossos cenários, nossos

dramas vivenciais repercutem e sofrem repercussão de variados fatores.

Vivemos hoje numa sociedade que se vale muito do senso estético, que se revela por diversos meios de comunicação: fala, rádio, televisão, cinema, vídeo, out-doors, vitrines, jornais e revistas e ... por que não através das Paisagens urbanas e rurais (que nós vivemos, construímos, imaginamos), que se descortinam aos olhos de leigos, técnicos, profissionais, intelectuais...

O senso estético sempre existiu. Lembro-me de uma leitura feita sobre as expedições do viajante alemão Langsdorff, realizadas por vários pontos do Brasil, ainda em meados do século XIX. Através dos relatos e gravuras da época, pus-me a imaginar o valor estético daquele momento histórico. Todos os membros daquela expedição sentiam grande fascinação pelos nativos (indígenas, caboclos, negros), por seus costumes culturais e também pela natureza inóspita e aventuraram-se pelo território a ser descoberto (quantos de nós ainda sentimos esta fascinação pelo território desconhecido, apesar de um mundo tão divulgado?). Obviamente, os valores e os territórios daquela época não são mais os de hoje, mas guardam, sim, seus traços históricos acumulados ao longo do tempo.

Prevalecia, naquela época, a idéia do "bom selvagem", uma concepção romântica da Europa, do reencontro (perdido?) com a vida simples, ideal, harmônica. Para o nosso povo daquela época, e também para grande parcela da população européia, a luta pela sobrevivência não garantia aquela idéia disseminada de um provável retorno à harmonia, por isso, um valor romântico de sociedade. Os próprios viajantes europeus, quando abatidos por doenças tropicais, hoje em dia parcialmente controladas, percebiam que a base material de existência dos nativos não era nada fácil (será que chegaram a ir além da percepção e concluírem sobre o descompasso entre a idealização e a realidade?)

Daquela época para cá, o peso do senso estético tem se superlativado com base em padrões que não existiam naquela época e que foram sendo incorporados socialmente. Logicamente isso influencia na forma como as pessoas se relacionam entre si e com o meio no qual vivem. Influencia também na pré-idéia e idéia que fazemos do espaço imaginado ou visível, portanto, de uma Paisagem Geográfica: mental ou real, de acordo com as idéias que até aqui estou desenvolvendo.

Nesse sentido, todas as Paisagens são interpretações e/ou representações, verdadeiras imagens vivas no cérebro, seja do presente, do passado e até mesmo do futuro. É a influência daquilo que já mencionei anteriormente como efeito da imaginação e da memória. Ao trabalharmos com essas dimensões do pensamento, do sentimento, da percepção e da intuição, com certeza passamos a sentir uma certa dificuldade de (re)interpretar, por exemplo, o conceito de Paisagem Geográfica. Isso ocorre porque o caráter tecnificado de nossa sociedade nos faz parametrizar

o sentir, o pensar e o agir, ou seja, temos dificuldades, temos resistências ao lidar com as contradições, com o relativo e com a dúvida. Queremos a hipotética certeza e a verdade.

Reportando essas idéias para o ensino da Geografia no Ensino Fundamental e Médio, sinto-me intrigado e ao mesmo tempo incentivado a percorrer um caminho delicado, que sempre colocará no horizonte a dúvida, a descoberta, a incerteza. Isso porque estaremos tentando objetivar melhor o que se passa pelo subjetivo: a idéia, os valores, os pensamentos de indivíduos.

O desafio maior é o de como, didático-pedagógica e metodologicamente, interpretar a Paisagem Geográfica implícita nos programas de ensino (parte do cenário) e nos educandos/educadores (os atores) que a utilizam. Como adequar a intensidade dessa proposição à capacidade intelectual de cada um? Creio que ter o estudo e a leitura da Paisagem Geográfica como estratégia de ensino da Geografia pode ser uma das formas de melhor alcançar a melhoria da qualidade de ensino dessa disciplina, tão procurada por diversos profissionais que com ela atuam.

É apaixonante procurar desvendar os processos de apreensão, por parte dos indivíduos, da Paisagem Geográfica que percebemos em nosso dia-a-dia. A título de exemplo, em sala de aula, quando procurar explorar algum dado da realidade, faça o exercício de utilizar mais imagens, através de vídeo, cartazes, revistas, slides, data-show, transparências, desenhos, que tenham um forte motivo de imagens. Se isso for impossível, passe a criar histórias ou mesmo fazer leituras, pedindo que os alunos imaginem cada cena, cada frase lida. Você perceberá o quanto este recurso imagético seduz e mobiliza a atenção e a aprendizagem dos alunos.

E mais, fico pensando na possibilidade de, em meio à crise dos paradigmas do mundo contemporâneo, procurar delinear fio(s) condutor(es) que permeie(m) a composição e a representação das diferentes paisagens geográficas utilizadas implicitamente nos programas de ensino da Geografia ao tentar compreender o espaço geográfico. Ou seja, do contato valorativo do indivíduo com sua imagem particular de Paisagem do mundo (por exemplo, de alunos e professores de Geografia), detectar linha(s) de raciocínio mais ou menos comuns a todas as paisagens de concepção individual.

Este raciocínio não estabelece modelos rígidos ou generalizações simplificadas sobre a concepção de Paisagem Geográfica (como os observados em alguns momentos da História da Geografia, seja na Geografia Determinista, Possibilista, Regional, etc.), mas permite que alunos e professores de Geografia possam dela usufruir, percorrendo caminhos ou utilizando propostas que melhor sistematizem o senso comum individual das paisagens captadas e vivenciadas.

Penso que estas minhas preocupações podem ser melhor estudadas,

como mencionei anteriormente, adotando-se uma abordagem pluralista, como estratégia para uma (re)interpretação do conceito de Paisagem no ensino da Geografia. Isso porque impera na contemporaneidade uma razão própria expressa por indivíduos, grupos e sociedades. Não quero com isso defender o estabelecimento de uma barbárie no conhecimento, mas conviver com os meandros do singular, do particular, para construir uma versão possível de um determinado coletivo. Para isso é importante que, ao trabalharmos com o conceito de Paisagem Geográfica na sala de aula, ele seja composto não só de experiências, argumentos, produzidos por aqueles indivíduos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem da Geografia, como também de outras reflexões e instrumentos de análise.

Assim, trilhar através de uma análise da Paisagem na Geografia, dentro de uma perspectiva de abordagem crítica, renovada, significa observar e cuidar das partes percebidas pelo indivíduo, que as ordena a partir de saberes e sentimentos colocados ou impressos através de vias sensoriais e estéticas, ora subjetivas, ora objetivas. Isso caracteriza uma percepção mediatizada da natureza, ou seja, entre o indivíduo e a natureza está uma Paisagem Geográfica.

Sendo a Paisagem extraída da natureza - em seu sentido mais amplo - pelo olhar do indivíduo, pela sua perspectiva, por sua estética, a reconstrução de sua unidade paisagística, dividida pelos indivíduos, pode ser feita através de sua mediação, sendo possível o reencontro com a totalidade da natureza que por ele foi dividida. Daí a tarefa de se definir melhor o observador da Paisagem de forma histórica, uma vez que o mesmo constitui também a Paisagem, que, da mesma forma, é construída historicamente.

Destarte, o grande desafio que se propõe hoje para uma nova concepção de Paisagem e, portanto, de homem e natureza na perspectiva geográfica, é o de melhor compreender ou desvendar as mediações histórico-culturais que permeiam a sensibilidade dos indivíduos e o reflexo desta na assimilação do território em que vive.

É nesse espaço subjetivo que poderemos ter a capacidade de juntar as partes (que o próprio homem dividiu e divide historicamente), para se recuperar uma totalidade que um dia nós mesmos dissimulamos. Para tanto, a Geografia deve procurar em outras Ciências ou Disciplinas estas partes que possam recuperar o sentido de unidade da Paisagem Geográfica e o de totalidade da natureza. Tudo indica que é através da sensibilidade que o homem se vê natureza. Portanto, é preciso buscar nesse âmbito novas abordagens de análise sobre a Paisagem Geográfica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993

SILVA, Armando Corrêa da. Apostila: **Epistemologia da Geografia Humana** - Pós-graduação. São Paulo, fotocópia, 1994.